

**38° Encontro Anual da ANPOCS**  
**27-31 de Outubro de 2014, Caxambu – MG**  
**SPG 20 – Sexualidade e gênero: espaço, lugar e relações de poder**

Jainara Gomes de Oliveira (PPGA/UFPB)<sup>1</sup>  
gomes.jainara@gmail.com

**Espaços outros: uma cartografia da sociabilidade homoerótica feminina  
em João Pessoa, PB**

Este artigo pretende discutir a sociabilidade homoerótica entre mulheres residentes na cidade de João Pessoa, Paraíba. Para tanto, parto do pressuposto de que é possível uma discussão na interface da antropologia de gênero e da antropologia urbana.

Interessa-me, com esta discussão, observar e analisar a cidade como espaço societal onde trajetórias afetivo-sexuais dissidentes são traçadas na medida em que mulheres com práticas homoeróticas se encontram para o exercício das trocas intersubjetivas. Deste modo, busquei acompanhar e traçar os circuitos da sociabilidade homoerótica feminina na cidade de João Pessoa, passeando, assim, por banheiros, praças, cafés, bares, boates, páginas de internet e redes sociais, grupos de movimentos LGBTs e outros espaços GLS ou não.

Procurei sensibilizar o meu olhar de antropóloga para a forma como estas mulheres compunham cotidianamente seus projetos individuais e coletivos no âmbito dos campos de possibilidade que a cultura urbana contemporânea da cidade de João Pessoa oferece. Mulheres estas, ainda, que

---

<sup>1</sup> Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGA/UFPB). Pesquisadora vinculada ao GRUPESSC/UFPB – Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura e ao SEXGEN/UFPB – Grupo de Pesquisa em Gênero, Corpo e Sexualidades.

enquanto sujeitos sociais reflexivos se esforçam em produzir criativamente formas novas de lidar com o prazer o risco das suas relações íntimas.

### **Sociabilidades fluídas**

É na cidade que o indivíduo como categoria constitutiva, por meio da interação, pratica a sociabilidade. Deste modo, entendo a sociabilidade como percurso privilegiado para a produção da subjetividade (VELHO, 1989), principalmente a partir da definição conceitual de Simmel (1968), para quem:

a sociedade propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através dos veículos, dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação desses laços (SIMMEL, 1983, p. 168).

Desta maneira, podem-se entender os processos de sociabilidade como uma das 'formas básicas de interação social'<sup>2</sup> que se caracteriza por mecanismos internos e a partir das relações entre diferentes instituições de socialização em espaços definidos. É nesta relação entre instituições e espaços que os indivíduos têm a possibilidade de desenvolver suas performances.

Nesse sentido, como parte dos objetivos metodológicos da minha de mestrado<sup>3</sup>, realizei um mapeamento dos espaços de sociabilidade urbana destinados ao público LGBT em João Pessoa. Mas na tentativa de não me prender a uma definição normativa, o trabalho de campo se desdobrou por

---

<sup>2</sup>Para Koury (2014, p. 54) "a sociabilidade [...] em Simmel, é sempre motivada pela alegria e pela festa da participação com os outros, na quebra da homogeneidade comunitária que sufocava as individualidades, nas descobertas da diferença na conformação do grupo, dando espaço para uma ampliação da liberdade individual".

<sup>3</sup>Trata da pesquisa *Prazer e Risco: um estudo antropológico sobre as práticas homoeróticas entre mulheres em João Pessoa, Paraíba*. Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da Profa. Dra. Mônica Franch e financiamento da CAPES (bolsa de mestrado).

outros espaços que não oferecem necessariamente uma proposta GLS ou, ainda, pelos que são circunstancialmente apropriados pelo público LGBT.

Desta maneira, os espaços de sociabilidade urbana mapeados (ver quadro 1) me proporcionaram a possibilidade de perceber como se articular os marcadores sociais e identitários da diferença, como categorias analíticas (BRAH, 2006). Aqui destaco oportunamente o fato de serem os sujeitos sociais os agentes reflexivos que atribuem propriedades morais aos lugares.

Na tentativa de organizar o mapa dos circuitos direcionados para o público LGBT, percorri na cidade de João Pessoa pelo diferentes espaços que caracterizam uma “região moral”. Na esteira do conceito proposto por Robert Park:

É inevitável (...) que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversões (...) devam de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que dentro da organização que a vida cotidiana assume (...) a população tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e temperamentos. Cada vizinhança, sob as influências que tendem a distribuir e a segregar as populações citadinas, pode assumir o caráter de uma “região moral” (PARK, 1973, p. 70).

Durante a realização do trabalho de campo transitei por bares, cafés, boates, praias, ruas, becos e praças, entre outros espaços, com o intuito de perceber como os sujeitos desenham a cartografia homoerótica da cidade, principalmente no que se refere às diferenças de gênero, classe e geração. Pretendi ainda, conhecer como esses territórios foram demarcados simbolicamente, ou seja, como tais espaços se foram estabelecendo como lugares de ‘sociabilidade fora do gueto’.

Deste modo, fez-se necessário estabelecer limites precisos ao trabalho de campo e delimitar os “territórios” da pesquisa, como percurso metodológico privilegiado para caracterizar as experiências etnográficas em relação à organização de um roteiro etnográfico que abriga os espaços e as redes de relações que estabeleci.

**Quadro 1 – Circuitos da sociabilidade urbana homoerótica feminina em João Pessoa, PB**

<b>Circuitos</b>	<b>Categoria</b>	<b>Local</b>
Circuito Centro	Boates	Sky Club
		Vogue do Bispo
	Praças	Rio Branco (Praça do Chorinho)
		Braz Florentino/ Beco da Cachaçaria
	Rua/Beco	Philipéia Cachaçaria
	Bares	São José
Circuito Zona Sul	Bares	Relicário
		Só Dellas
Circuito Praia	Bares	On The Rock
		Carboni Empório Café
Circuito Militância	Movimento LGBT	Banheiro da Feira de Tambaú
		Grupo Maria Quitéria
Circuito Virtual	Redes Sociais	Paradas LGBT
		Facebook

Meu objetivo aqui foi o de descrever situações corriqueiras que experimentei ao me deslocar pelos trajetos realizados pelas mulheres com as quais interagi, bem como localizar o trabalho de campo no espaço social que pesquisei e neste inscrevi meus percursos.

Os espaços pelos quais transitei foram concebidos como lugares simbólicos. Deste modo, a noção de gueto<sup>4</sup> como elaborada por Nestor

---

<sup>4</sup>No entanto, na pesquisa de Juliana Perucchi (2001), sobre os sentidos que mulheres de camadas médias, com práticas homoeróticas conferem as relações sociais que estabelecem em um gueto GLS na cidade Florianópolis, SC, enquanto um lugar social de produção de subjetividades, este gueto foi reconhecido como um lugar de proteção e legitimação de suas práticas, desta maneira, as relações sociais que foram estabelecidas entre as mulheres que circularam pelo gueto, constituíram esse território ao mesmo tempo em que foram por constituídas por esse espaço. Contudo, Perucchi destaca os limites desse território. Ao problematizar o gueto, ela ressalta que manter esses espaços específicos pode se configurar em uma segregação, que por sua vez, implica na separação do espaço público e do espaço privado. E deste modo, a aceitação do homoerotismo estaria delimitada e restrita, mas não desconsidera a importância política desses territórios para o público LGBT. Carvalho (1995, p. 110), por sua vez, a partir de uma pesquisa sobre o homoerotismo feminino entre mulheres, na cidade de Belo Horizonte, MG, sugere que “a noção de gueto não remete apenas a um

Perlongher (1987) não me parece muito produtiva para categorizar os espaços da cidade consumidos pelos sujeitos desta pesquisa para sua circulação.

Essa categoria de análise não me pareceu oferecer a possibilidade de descrever o uso e as apropriações dos espaços e da forma como estes eram consumidos. Uma vez que estes espaços não são exclusivamente consumidos por pessoas com práticas homoeróticas.

Deste modo, para descrever essa experiência de campo de modo mais produtivo, aproprio-me da categoria de análise circuito que tem por base a definição teórico-conceitual elaborada por Magnani, a saber:

estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo conhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários” (MAGNANI, 1996, p.46).

Caracterizada como uma experiência localizada, fazer uma antropologia na cidade implicou um descentramento do olhar. Desta maneira, interessou-me mais em descrever o processo das situações observadas, procurando as possibilidades de interpretações e das práticas de fazer cidade (AGIER, 2011), em diferentes formas de sociabilidade.

No processo de construção da pesquisa em campo, ao analisar os modos de apropriação dos espaços de sociabilidades a partir do pertencimento a uma dinâmica de identificação, percebi que as mulheres ao transitarem por esses espaços não têm necessariamente como objetivo a busca por uma ‘sociabilidade homoerótica’. De modo que, diferentemente das pesquisas realizadas acerca das sociabilidades homoeróticas masculinas (FRANÇA, 2006a; 2006b; 2009; 2012; 2013; SANTANA, 2013), consumir esses lugares não chega a ser uma característica acentuada das mulheres com as quais interagi.

No decorrer da pesquisa, senti a necessidade de expandir o universo de pesquisa para espaços e situações sociais mais amplos que os de lazer e

---

território geográfico, [...]. Esse conceito se amplia porque, além de refletir a espaços físicos, engloba também espaços mentais ou simbólicos onde existem uma sobrecarga dos códigos “entendidos”.

sociabilidade GLS e ou de luta por reconhecimento de práticas sexuais dissidentes. Com efeito, se em uma incursão inicial procurei interlocutoras, em ONGs, bares, boates e etc., em um segundo momento tive a oportunidade de etnografar situações corriqueiras, como encontros espontâneos com as interlocutoras desta pesquisa em ônibus, filas de supermercados, livrarias, ou mesmo nas ruas da cidade de João Pessoa.

A pesquisa, de tal modo, se mostrou extremamente dinâmica e cheia de surpresas. Na medida em que o mapeamento dos *espaços outros* se tornava mais claro, aparecia também com maior nitidez como se articulavam os projetos individuais e coletivos de uma biografia marcada pelas práticas homoeróticas femininas no espaço urbano da cidade de João Pessoa.

Nos relatos das minhas interlocutoras, se faz interessante notar, aparece com regularidade a preferência das mesmas por formas de sociabilidade menos marcadas em relação à sexualidade. Estão à procura de uma sociabilidade que não as configure como um grupo à parte ou estigmatizado, por isso buscam uma não identificação com a dinâmica que caracteriza o gueto.

A sexualidade se coloca, para elas, como uma forma fluída de sociabilidade, ludicamente marcada pelo erotismo. Uma das interlocutoras reforçou esta assertiva ao afirmar que para as mulheres a sexualidade é vivida e vivenciada como algo mais amplo, não necessariamente vinculado a espaços densamente marcados, como as boates e bares GLS.

Para estas mulheres, as boates foram consideradas como lugares menos atrativos e eroticamente masculinizadas. De modo que, para elas a diferença nos usos desses espaços se constitui pelo tipo de erotização, uma vez que nas boates a erotização costuma ser centrada na exposição do corpo nu, principalmente o masculino.

Esses relatos ajudam a elucidar porque nas duas boates pelas quais transitei, Vogue e Sky Club, ambas localizadas na cidade de João Pessoa, havia pouca expressividade da presença de mulheres, quando comparada à presença masculina de orientação homoerótica, que era predominante. Aqui pareceu se confirmar mais uma vez o fato de a sexualidade homoerótica feminina se caracterizar por uma sociabilidade fluída.

No entanto, durante o trabalho de campo percebi que essa diferença em relação à dinâmica erótica não pode ser interpretada de maneira estática. Por isso, proponho uma abordagem que possa problematizar as práticas e significados eróticos das relações entre mulheres, sem reduzir as suas interações sexuais e formas de sociabilidades a um sentido menos sexualizado, atentando para os modos particulares de experimentarem suas sexualidades.

Com esta proposta, sugiro que as experiências diferenciadas corroboram com a proposta de analisar o espaço a partir do valor simbólico carregado de determinados significados por meio dos usos que os sujeitos deles fazem, deste modo, analisar a construção do lugar relacionada com as gramáticas de socialização visa perceber os particularismos que estruturam as territorialidades referenciadas.

Fez-se necessário, portanto, durante a pesquisa, deslocar o olhar da cidade para as pessoas que fazem a cidade (AGIER, 2011). Olhar a cidade, assim, significou perceber como sentidos sociais emergiam a partir de trajetos que se desenhavam na malha urbana conforme os sujeitos sociais deles se apropriavam de modo a buscar realizar seus projetos individuais e coletivos.

Essas experiências me conduziram à necessidade de uma análise mais articulada acerca da articulação entre prática etnográfica e teoria antropológica, em um olhar etnográfico mais detido das práticas de constituição simbólica de lugares e redes. Para tanto, parti de uma proposta de análise mais simétrica de uma “antropologia da cidade”, com o intuito de conhecer a cidade como um processo relacional e situacional, a partir dos sujeitos e de suas experiências cotidianas, de seus lugares de vida e situações concretas.

Nos espaços de sociabilidades destinados ao público LGBT, como os pelos quais circulei, as identificações são atualizadas, constituídas e expressas nos ambientes, nas corporalidades, nos modos de se vestir e em todo um conjunto de etiquetas e códigos emocionais que marcam o que em linguagem goffmaniana (GOFFMAN, 2010 e 2012) se chamaria de encaixe. Além disso, o consumo desses espaços opera como uma forma de construção de determinadas categorias identitárias.

A circulação dos sujeitos sociais entre os diferentes espaços significa transitar entre essas categorias que, por sua vez, fazem parte do trajeto

escolhido por seus consumidores. Deste modo, o mercado de consumo atua na constituição de identidades e produção de subjetividades por meio de processos que promovem exclusão e diferenciação mediadas por relações de poder.

Nesse sentido, como analisa a antropóloga Isadora Lins França (2012) a relação intrínseca entre os espaços de sociabilidades urbanas e práticas de consumo costuma ser fortemente caracterizada pelas exigências de segmentação de mercado que se consolida desde o início do século XXI. O lugar que o consumo e o mercado ocupam, como mecanismos envolvidos na produção de identificações, constituição de significados e categorias, permite entender as negociações que se estabelecem entre a dinâmica do consumo e a produção de subjetividades, particularmente a partir de diferenças, estratificações e hierarquias entre sujeitos relacionais.

Durante a pesquisa, pude perceber, com efeito, como diversas categorias identitárias segmentam e hierarquizam o público LGBT. Categorias identitárias estas que aparecem, por exemplo, nas classificações nativas de gays afeminados e gays masculinizados (o mesmo pode ser dito em relação às lésbicas).

A partir desse pressuposto analítico, os processos de diferenciação e a produção de subjetividades relacionadas ao consumo, estilos de vida e as “culturas identitárias homossexuais” formam o quadro de instrumentos analíticos que foram utilizados na feitura da minha análise sobre as formas sociabilidade entre mulheres. Discorrer sobre as interlocutoras desta pesquisa, enquanto subjetividades relacionadas ao consumo, como sujeitos sociais que exercitam estilos de vida particulares, constituiu, deste modo, caminhos teórico e metodológico bastante frutífero, permitindo, assim, o entendimento de aspectos variados das falas e comportamentos das mesmas.

### **Intenções eróticas, embaraços e trabalho de campo**

O processo de produção de uma etnografia sobre práticas sexuais implica problemas metodológicos particulares, já que levanta questões éticas e morais bastantes sensíveis atinentes aos jogos de sedução que se verificam nas relações sempre tensas de entrevistas em mesas de bares, em boates e sobre aspectos biográficos muitas vezes segredados. Do mesmo modo, o



procedimento por meio do qual os resultados produzidos podem vir a ser analisados dependem dos diferentes objetivos de uma pesquisa.

Particularmente no campo da sexualidade, escolher a homossexualidade como objeto de conhecimento antropológico costuma despertar tanto no âmbito acadêmico quanto na interação com os sujeitos da pesquisa uma suspeita marcada por uma intensa “vontade de saber” (FOUCAULT, 1988) sobre a sexualidade do/a pesquisador/a, bem como sobre as suas reais intenções subjetivas com a realização da pesquisa.

Essa situação de pesquisa se deve ao fato dessas pesquisas habitualmente serem realizadas por pesquisadores/as que compartilham das mesmas experiências sexuais e eróticas dissidentes, bem como compartilham os efeitos sociais decorrentes dessas experiências sexuais. O embaraço de se estudar a sexualidade homoerótica se verifica também na academia, uma vez que o pesquisador que se interessa por esta temática se vê quase que imediatamente associado a uma identidade sexual dissidente<sup>5</sup>.

De modo que, a relativização acerca dos valores e experiências compartilhados, a partir de uma perspectiva antropológica e, a possibilidade de inquietação por meio da experiência etnográfica, se constitui em um interessante caminho metodológico. No entanto, destacar essas experiências precedentes não significa dizer que estes/as pesquisadores/as não tomem a relativização como um instrumento metodológico.

O processo de produção de conhecimento por meio da prática etnográfica permite que muitos antropólogos/as com práticas homoeróticas escrevam sobre suas entradas no campo e possam interrogar em que medida suas experiências sexuais mudam a afinidade com os sujeitos de suas pesquisas. Analisar essas suas experiências colabora para discutir dilemas

---

<sup>5</sup> Nesse sentido, Para Facchini (2011, p. 48) na esteira do conceito proposto por Bourdieu (2005), essa situação acaba expondo o pesquisador a uma violência simbólica. Esta antropóloga defende que, “o desrespeito e a violência simbólica a que está exposto é tanta que muitos consideram que seja necessário expor suas práticas e/ou desejos sexuais na introdução de um relatório de pesquisa, ou frente a uma banca examinadora ou grupo de discussão em congresso, como forma de redimir de suspeitas e acusações”.

éticos de pesquisa e para pensar as suas identidades sexuais, questionando sobre o modo como estes conduzem o trabalho de campo e se relacionam com seus sujeitos de pesquisa.

Minha entrada em campo, neste sentido, partiu claramente da minha experiência como pesquisadora sobre o homoerotismo entre mulheres e militante destes espaços de afirmação de sexualidades dissidentes. Com relação à aceitação da minha presença nas redes de sociabilidades das mulheres que integram essa pesquisa, quero destacar que nos aproximávamos pelo fato de compartilharmos das mesmas experiências afetivas e sexuais.

Essa condição facilitou a minha entrada em campo e abriu caminhos importantes para a realização desta pesquisa. Além disso, não se fez necessário dedicar muito tempo a aproximação com essas mulheres, já que algumas delas faziam parte dos meus círculos de contatos profissionais, de militância, de lazer e de amizade.

Se, por um lado, minha identidade afetivo-sexual não foi negada desde o princípio da pesquisa, por outro lado senti a pressão e a exigência, ética e política, por parte das mulheres pesquisadas, de ter que me nomear publicamente como identidade sexual dissidente e em luta por reconhecimento. O impacto destas demandas sobre o meu comportamento no campo de pesquisa se apresenta, por exemplo, na negociação constante quanto a minha própria visibilidade como pesquisadora e militante, oportunamente utilizada como signo de prestígio (GOFFMAN, 1980) daqueles espaços, mas também como elemento de mediação entre os grupos de mulheres e o público mais amplo a que estas se dirigiam.

No âmbito da antropologia, essa estreita relação entre a produção de conhecimento e experiências compartilhadas tem estimulado interessantes debates sobre o lugar a partir do qual a antropologia analisa a relação entre produção do conhecimento, vigilância epistemológica e distanciamento ético. Sobre esse aspecto, sem reduzir a antropologia a uma estrutura de “política identitária”, ressalto que a minha aproximação mais familiarizada com os significados partilhados pelo universo pesquisado, principalmente no que se refere ao compartilhamento das mesmas experiências eróticas e as possibilidades de apropriação do conhecimento produzido, não me eximiu da

necessidade de uma vigilância epistemológica em relação à naturalização das experiências e valores compartilhados.

Neste sentido, tive muitas vezes que me indagar sobre o fato de não estar romantizando ou mesmo naturalizando certos aspectos da sociabilidade estudada por um possível excesso de semelhança com as mulheres pesquisadas. Este exercício metodológico da suspeita se faz necessário para a formação do etnógrafo que lida com o estudo de sociedades complexas (VELHO, 1973), em casa (PEIRANO, 1998), o que se constitui como exercício teórico-metodológico bastante distinto do estudo do primitivo isolado.

Esta reflexão me levou a perceber, ainda, como o fazer etnográfico a que eu me predisponha significa compreender como a sociabilidade homoerótica feminina buscava ocupar e dar sentido, com seus circuitos, eventos, pontos de encontro e outros, à cidade de João Pessoa. Assim que a noção de gueto como local de exclusão e dos excluídos foi sendo abandonada conforme a pesquisa amadurecia e apontava os diversos níveis de realidade pelo qual se deslocavam as minhas interlocutoras.

Acerca da ética na pesquisa, compartilho da análise de Geertz (2001) que define o trabalho antropológico como uma modalidade de experiência moral. Experiência moral porque implica em um comprometimento do pesquisador em ser correto com os seus pares e com os sujeitos sociais abarcados pela pesquisa, jamais confundindo o exercício crítico da interpretação pertinente à imaginação antropológica com o falseamento dos dados da pesquisa.

Interessada em dialogar com essa abordagem, no interior do debate atual sobre os aspectos que constituem a relação entre ética e antropologia, pretendo destacar, particularmente, o campo da sexualidade. Para tanto, abordo o significado particular e situado da relação que constitui com os sujeitos dessa pesquisa e a economia de sedução que permeou o trabalho de campo.

Para dar sustentação a esse investimento metodológico, compartilho das análises elaboradas por Kulic (2011) sobre a incorporação da subjetividade erótica na constituição da identidade do pesquisador em campo. Este percurso metodológico nos possibilita entender analiticamente o lugar do corpo e do erotismo na realização de etnografias sobre práticas sexuais.

Com relevância teórica e metodológica, essa proposta de análise dever ser explorada de maneira crítica, de modo que o principal objetivo dessa proposta tem como escopo localizar a subjetividade erótica do/a pesquisador/a em campo e em seus escritos. Além disso, permite abordar tanto as possibilidades metodológicas de produção do conhecimento no campo da sexualidade quanto à relação entre ética e corporalidade do/a antropólogo/a e dos outros sujeitos da pesquisa, particularmente, em lugares que envolvem condutas eróticas (LACOMBE, 2009; FACCHINI, 2011; MEINERZ, 2007).

Na análise das dinâmicas da interação erótica nesses espaços, o corpo e a sociabilidade são conceitos metodológicos relevantes para a realização de pesquisas em meio urbano (OLIVEIRA; SANTANA, 2014). Estes conceitos oferecem desafios aos pesquisadores que fazem antropologia da/na cidade e que procuram investigar estilos e modos de vida das práticas sociais. E se inserem no debate mais amplo sobre as dificuldades em delimitar as fronteiras precisas de uma investigação urbana antropológica (TOLEDO, 2007).

A escolha do corpo como caminho metodológico constitui uma categoria de análise privilegiada para observar a espacialidade da sociabilidade na cidade. Tal recorte amplia as fronteiras metodológicas estabelecidas na percepção e mediação da relação entre “pesquisador e pesquisado”. Deste modo, o uso do corpo como metáfora metodológica ou apenas como mais um tema de pesquisa, no campo da antropologia urbana, corre o risco de ser somente um descritor de pesquisa e/ou deslizos semânticos recobertos pelos dados etnográficos.

Sobre esse aspecto Sherry Ortner sugere que:

[...] a etnografia implica pelo menos um modo de entender o mundo do outro fazendo uso de si mesma como instrumento de conhecimento [...] Classicamente, este tipo de entendimento tem estado intimamente ligado ao trabalho de campo, no qual a totalidade do ser - fisicamente ou de todos os modos possíveis - entra no espaço do mundo que o investigador procura entender (Ortner, 2009, p. 390 apud Lacombe, 2009).

Portanto, situar-se em campo implica necessariamente colocar o corpo no espaço em que este se constitui. Logo, nesta perspectiva, o corpo do/a pesquisador/a se organiza no campo, como um instrumento metodológico privilegiado de produção das experiências etnográficas, uma vez que a presença do/a pesquisador/a nesses espaços de sedução faz parte da construção do campo e insinua que o/a pesquisador/a integra essa economia de sedução que caracteriza os lugares.

Essa situacionalidade, por sua vez, implica na construção de limites entre os sujeitos da pesquisa e o/a etnógrafo/a e afeta a análise das experiências etnográficas (FAVRET SAAD, 2005). Como o corpo do pesquisador se coloca no espaço de sociabilidades aponta, outrossim, para as fronteiras simbólicas, para os elementos simbólicos segredados e, entre outros, para os jogos de sedução que também fazem parte do objeto de estudo desta pesquisa.

Com o intuito de ampliar meu olhar a respeito desta situacionalidade, a sociabilidade como 'forma lúdica de sociação' (SIMMEL, 2006), foi outro conceito retomado para o desenvolvimento desta análise, uma vez que esta categoria de análise constitui, como aponta Frugoli Júnior:

(...) um dos conceitos que permitem aprofundar a compreensão do modo como se organiza a sociedade através de uma associação básica (...) um tipo ideal entendido como o "social puro", forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma, vivida em espécies de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais (FRÚGOLI JUNIOR, 2007, p. 9).

Esta categoria analítica permite entender o processo de significação das formas de sociabilidade, que se configuram fluídas na medida em que os sujeitos provam diversas experiências, podendo pertencer a uma ou mais coletividades, respectivamente ou não. Desta maneira, possibilita, ainda, perceber o erotismo como uma das finalidades que organiza a interação entre os indivíduos.

O erotismo encontra, assim, ao estruturar as interações que estabeleci em campo, na sociabilidade sua marca lúdica, bem como estabelece as relações entre as mulheres e caracteriza os interesses e as expectativas. Além disso, pude perceber com base na observação e análise do erotismo como as performances de gênero e as práticas sexuais podem ser basilares na constituição de formas de sociabilidades. Neste sentido, destaco aqui as várias formas em que o erotismo se manifesta nas interações cotidianas, configurando toda uma economia da sedução e uma dinâmica de disputas morais e por poder.

O modo de relação que cada pesquisador/a estabelece com o campo depende da maneira como o/a pesquisador/a participa da dinâmica que envolve os sujeitos da pesquisa. Portanto, a minha entrada em campo dependeria da minha disposição em participar das interações cotidianas das mulheres que eu pretendia me aproximar.

Mesmo quando eu explicava que a minha presença nos espaços das mulheres estava apenas relacionada à pesquisa, essa justificativa não deixava de sugerir por parte dos sujeitos pesquisados a possibilidade do estabelecimento de parcerias afetivo-sexuais. Uma das minhas interlocutoras, neste sentido, se envolveu a ponto de resvalar para um comportamento caracterizado pelo assédio sexual. Como estratégia de evitação e elemento recorrente de desculpa, usei a minha condição de mulher comprometida para manter esta interlocutora a uma distância minimamente confortável, ao passo que mantinha a fachada e a linha de pesquisadora (GOFFMAN, 2010 e 2012).

Sobre essa economia de sedução, Lacombe sugere que:

(...) toda esta situação só adquire sentido para aqueles que aceitam, entendem e compartilham as regras desse ritual comunicacional. Compartilhar essas regras significa compreender o contexto de determinada situação e concordar com as condições da economia de sedução particular a ele referente (LACOMBE, 2009, p. 387).

Essas expectativas, que caracterizam o fazer etnográfico sobre a sexualidade, implica um modo de interação simbólico que comunica acerca das relações subjetivas dos sujeitos da pesquisa. Sobre esse aspecto, nas minhas

tentativas iniciais de entrada em campo, buscando uma maneira de interagir com essas mulheres, percebi que o olhar<sup>6</sup> poderia ser uma linguagem corporal que me possibilitaria uma aproximação.

No trabalho de campo desta pesquisa, deste modo, o olhar figurou como uma possibilidade de interação e de laços de sociabilidade. Nesse sentido, recordo de uma vez em que estava na organização de uma exposição fotográfica no Casarão 39, localizado no Centro Histórico de João Pessoa. Nesta exposição eu conheci uma artista plástica, esta por sua vez, logo seria uma das interlocutoras da pesquisa. Nós trocamos diversos olhares durante a exposição. E apenas nos cumprimentamos ao final da exposição.

Essa interação, iniciada pela troca de olhares, resultou em um convite por parte dela para irmos ao Empório, um dos espaços de sociabilidade que integram o circuito minha pesquisa. Mas infelizmente, eu tive que “recusar” o convite por causa de outro compromisso pessoal. No entanto, essa recusa não se configurou em um impedimento para encontros futuros. Deste modo, marcamos um novo encontro, dessa vez, em um café localizado na Praça da Paz, no bairro dos Bancários, Zona Sul de João Pessoa.

No entanto, acionar o corpo nesses espaços, como interação e produto e produtor de situação, figurando, deste modo, em um mecanismo de produção das experiências etnográficas, não significava necessariamente que eu compartilhasse das mesmas intenções e expectativas sexuais estabelecidas pelos jogos de sedução.

---

<sup>6</sup>A respeito do significado sociológico do olhar, como um modo particular de laços de sociabilidade, Simmel esclarece que, “descendo agora para os órgãos sensoriais, os olhos desempenham uma função sociológica particular: o enlace e ação recíproca dos indivíduos que se miram mutuamente”. Acaso seja esta a relação mútua mais imediata e mais pura que existe. Todos os outros segmentos sociológicos costumam ter um conteúdo objetivo e gerar um objetivo. Até mesmo a palavra falada e ouvida tem uma significação objetiva que poderia comunicar-se de outro modo. Mas a vivíssima ação recíproca em que entram os homens ao mirar-se cara a cara, não se cristaliza em produtos objetivos de nenhum gênero; a unidade que se cria entre eles permanece toda no processo mesmo, subsumida a função. E esta relação é tão forte e sutil que só se verifica pelo caminho mais curto, pela linha reta que vai de olhos a olhos. O desvio mais mínimo, o mais ligeiro distanciamento da mirada destrói por completo a peculiaridade do laço que cria (SIMMEL, 1939, p.238).

Mas no que concerne às escolhas metodológicas, entendo que essas interações servem como fio condutor para analisar a construção do desejo, das relações eróticas e as possibilidades de práticas sexuais provenientes do trabalho de campo. Portanto, problematizar essas interações erotizadas pode enriquecer as análises sobre a prática etnográfica.

Além disso, nos processos interacionais entre o pesquisador/a e o sujeito/a da pesquisa, diversos fatores podem afetar a interação entre os dois atores sociais. Sobre o processo subjetivo que integra o trabalho de campo, em particular, considero relevante destacar uma interação que resultou em uma situação de 'embaraço'.

Estava sentada em uma mesa de bar, acompanhada de uma das interlocutoras da pesquisa de mestrado, uma jovem estudante universitária. Por esta razão nos encontramos em um bar bastante consumido pelos estudantes da UFPB, denominado de Orladinho. Conversávamos, no momento, sobre suas práticas sexuais, quando ela fez o seguinte comentário:

- *Mulher não tenha vergonha, não. Estar com mais vergonha do que eu, mas mulher! Ela nem olha para mim.*
- *Essa é a parte mais difícil para mim na pesquisa.*
- *Relaxe! Eu estou relaxada, se bem que você vai saber como eu transo, como eu faço, como eu não faço.*
- *É complicado para mim também que estou perguntando.*
- *Não, mas relaxe.*

Nesta breve passagem aparece, de forma evidente, o potencial do campo de pesquisa para envergonhar o pesquisador, bem como a dimensão micropolítica da etnografia. As disputas entre pesquisador e sujeito pesquisado constituem um jogo de sedução bastante complexo, em que as técnicas corporais, as insinuações, exclamações reativas, silêncios e interditos manifestam toda uma disputa moral e também um jogo de poder no formato social de uma díade.

### **Considerações Finais**

Este artigo tratou dos espaços outros que caracterizam a sociabilidade urbana homoerótica entre mulheres na cidade de João Pessoa, Paraíba. A análise aqui trabalhada buscou enfatizar, a partir das noções de circuito,



consumo de lugares, rede, cidade relacional, estilos de vida e individualidade e outros, como as mulheres que constroem suas identidades e projetos de vida tendo como uma de suas referências à sexualidade percebem e ocupam o espaço urbano.

Neste sentido, as análises aqui propostas partem de uma etnografia dos espaços e das formas como estes são consumidos pelos diversos sujeitos sociais que deles buscam se apropriar. Durante a pesquisa foi possível perceber que as minhas interlocutoras costuravam suas identidades e projetos de vida a partir de noções bastante amplas de viver a cidade e entender-se como pessoa moral.

Deste modo, a ideia de gueto como categoria analítica para a compreensão dos espaços outros foi abandonada em favor de noções teórico-metodológicas inclusivas e complexas. Noções estas como a de rede e circuito, em relação à sociabilidade urbana, mas também como a de subjetividade como processo e a de gênero como identidade e performatividade temporais e contingenciais.

## **Referências**

AGIER, Michel. A cidade dos antropólogos. In: **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2008.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In:\_\_\_\_. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo, Unesp, 2000. p. 17 a 36.

CARVALHO, Tamara. Caminhos do Desejo: uma abordagem antropológica das relações homoeróticas femininas em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Instituto de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

DAMATTA, Roberto. O trabalho de campo na Antropologia Social. In:\_\_\_\_. **Relativizando. Uma introdução à antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 17 a 38.

\_\_\_\_\_. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In:

\_\_\_\_\_. O trabalho de campo como um rito de passagem. In:\_\_\_\_. **Relativizando. Uma introdução à antropologia Social.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 150 a 173.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, homossexualidades e diferenças na cidade de São Paulo.** 2008. Tese (Doutorado)- Pós-Graduação em Ciências Sociais. UNICAMP. Campinas: 2008.

FRANÇA, Isadora Lins. “Cada Macaco no seu galho?”: Poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.21, n.60 – fev. 2006 – p.103-115.

FRANÇA, Isadora Lins. “Frango com frango é coisa de paulista”: erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo, **Revista Latinoamericana**, n.14 – ago. 2013 – p.13-39.

FRANÇA, Isadora Lins. Cercas e Pontes: **O Movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares:** homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de janeiro: EdUERJ, 2012.

FRANÇA, Isadora Lins. Na ponta do pé: quando o black, o samba e o GLS se cruzam em São Paulo. In: (Orgs.) Maria Elvira Díaz-Benitez e Carlos Eduardo Figari. **Prazeres dissidentes.** Garamond, 2009, p. 393- 424.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade Urbana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In:\_\_\_\_ **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,1989.

\_\_\_\_\_. O pensamento como ato moral: Dimensões éticas do trabalho de campo nos países novos. In: \_\_\_\_\_ **Nova Luz sobre a Antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001. p. 30 – 46.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Estilos de Vida e Individualidade. In: Mauro Guilherme Pinheiro Koury: **Estilos de Vida e Individualidade: Escritos em Antropologia e Sociologia das Emoções**. Appris: Curitiba, 2014, pp. 53-67.

LACOMBE, Andrea. “Tu é ruim de transa!” ou como etnografar contextos de sedução lésbica em duas boates GLBT do subúrbio do Rio de Janeiro. In: (Orgs.) Maria Elvira Díaz-Benitez e Carlos Eduardo Figari. **Prazeres dissidentes**. Garamond, 2009, p. 373-392.

\_\_\_\_\_. **“Pra homem já tô eu”**. Masculinidades e socialização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro. (Dissertações de mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

MAGNANI, José Guilherme. **Quando a campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole**. In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.). Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49 junho/2002.

\_\_\_\_\_. Uma antropologia urbana e os Desafios da metrópole. **Tempo social**. [online]. 2003, vol.15, n.1, pp 81-95. ISSN 0103-2070.

MEINERZ, Nádia Elisa. Um olhar sexual na investigação etnográfica: notas sobre trabalho de campo e sexualidade. In: BONETTI, Aline. e FLEISHER, Soraya. (Org).

\_\_\_\_\_. **Entre mulheres. Estudo etnográfico sobre a constituição da parceria homoerótica feminina em segmentos médios na cidade de Porto Alegre - RS**. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2005.

\_\_\_\_\_. Entre mulheres. A constituição de parcerias sexuais e afetivas femininas. **Latitude**, vol. 2, nº 1, pp. 124-146, 2008.

\_\_\_\_\_. **Entre mulheres. Etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. 194 p. (Coleção Sexualidade, Gênero e Sociedade. Homossexualidade e Cultura).

\_\_\_\_\_. **Entre saias justas e jogos de cintura.** Florianópolis: Ed. Mulheres; Ilha de Santa Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, p. 125 a 154.

NUNES, Edson de Oliveira. (Org). **A Aventura Sociológica.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 23 a 35.

OLIVEIRA, Jainara Gomes de; SANTANA, Tarsila Chiara Albino da Silva. O corpo como método de pesquisa em antropologia urbana. In: **Anais do Congresso Argentino de Antropología Social.** Rosario: 2014.

PARK, Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: **O Fenômeno Urbano,** Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1973.

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da etnografia.** Brasília, UnB, 1992.

PEIRANO, Mariza G. S. When anthropology is at home: the different contexts of a single discipline. **Annu. Rev. Anthropol.** 1998.27:105-128.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê:** a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

SANTANA, Tarsila Chiara Albino da Silva. Notas sobre espaços de sociabilidades urbanas na cidade de São Paulo. In: **Anais da III Semana de Antropologia do PPGA UFPB.** João Pessoa: ideia, 2013. v. 1. p. 75-80.

SILVA, Hélio R. S.. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes antropológicos [online].** 2009, vol.15, n.32, pp. 171-188. ISSN 0104-7183.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia:** indivíduos e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. The Metropolis and Mental Life. In: **Urban Place and Process: Readings in the Anthropology of Cities.** (Org.) Irwin Press e M. Estellie Smith. New York, EUA. 1980 – pp. 19 a 29.

TOLEDO, Luiz Henrique. Posfácio: Corporalidade e festa na metrópole. In: **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer encontro e sociabilidade.** (Org.) MAGNANI, José Guilherme Cantor & SOUZA, Bruna Mantesi. São Paulo: Terceiro nome. 2010.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: **Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia contemporânea.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 8ª edição, 2008, p. 123 a 134.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana.** Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1973.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana: encontros e perspectivas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, (59), 2009, pp. 11-18.

WITH, Louis. Urbanism As a Way of life. In: **Urban Place and Process: Readings in the Anthropology of Cities**. (Org.) Irwin Press e M. Estellie Smith. New York, EUA. 1980 – pp. 30 a 47.